



Exibição de Território do brincar na aldeia indígena Panará - Xingu, Brasil

## NOVAS JANELAS, POR ONDE OS FILMES VOAM

**“É PRECISO UMA ALDEIA** para educar uma criança.”

Esse provérbio nigeriano nos lembra, sempre e de novo, que o nosso olhar para a infância tem que ser cuidadoso. Que nós temos responsabilidade compartilhada pelos resultados. Que, todos juntos, podemos criar um ambiente onde o tempo da infância seja respeitado.

A produção audiovisual, obviamente, tem um papel relevante nessa conversa. Os filmes sobre infância e para crianças ainda lutam para se viabilizar, para encontrar janelas de exibição e para alcançar seu público. No Alana, acreditamos no poder do audiovisual para promover transformações. Temos trilhado esse caminho há quase 10 anos, com resultados cada vez mais animadores. Em uma parceria estabelecida com a produtora Maria Farinha Filmes, apresentamos filmes que falam sobre infância. Alguns tateiam um público mais amplo, que inclui o infantil.

Um exemplo é o longa-metragem *Território do brincar* (2015). Resultado de um trabalho de pesquisa de mais de dois anos, o filme – dirigido por Renata Meirelles e

David Reeks – retrata o brincar e a cultura da infância em todo o país. Ele é um “passeio pela geografia de gestos infantis que habitam brincadeiras, (...) gestos que contam histórias, revelam narrativas, constroem uma linguagem própria e nos apresentam a nós mesmos”.

Para o público adulto, é uma obra que desperta o olhar para o tempo da infância, nos (re)sensibiliza para a delicadeza e a potência da fase e do brincar enquanto ato formativo dos seres humanos. Já as crianças encontram na obra uma grande inspiração para... brincar! Se reconhecem, aprendem, enxergam novos recortes e jeitos de fazer. Exibido nos cinemas, o longa-metragem alcançou um público de quase 6.000 pessoas. Como muitos outros filmes, enfrentou a falta de interesse, por ser um documentário brasileiro, e a concorrência com *blockbusters* norte-americanos.

Mas há luz – muita luz – no fim do túnel. Espaços alternativos de exibição vão se firmando como um caminho interessante. No começo de 2015, lançamos, no Alana, o Videocamp – uma plataforma gratuita que conecta filmes com potencial transformador a pessoas que querem



FOTOS: DIVULGAÇÃO

Exibição de *Território do brincar* em Dakar, Senegal

mudar o mundo. Ao acessar [www.videocamp.com](http://www.videocamp.com), é possível encontrar mais de 300 obras (entre curtas, médias e longas; ficção, animação e documentário) e organizar a sua exibição, transformando qualquer parede em uma sala de cinema. É claro que assistir a um filme no cinema é especial. Mas uma parte dessa experiência pode ser compartilhada em outros lugares: é o assistir junto – rir, chorar, brincar junto. Enfim, se emocionar junto.

A trajetória do *Território do brincar* tem sido incrível. Desde o seu lançamento no Videocamp, mais de 100.000 pessoas assistiram ao filme. Conseguimos saber quem são, o que acharam, vemos seus rostos e os grandes sorrisos infantis que, entre uma cena e outra, guardam mentalmente uma coleção de ideias e brincadeiras para quando o filme acabar.

Por meio do Videocamp, pudemos alcançar escolas às quais talvez não tivéssemos braços para chegar de outra maneira. Os professores conseguem compartilhar na plataforma seus planos de aula e dividir com outros colegas o uso que fizeram desse material. Os usos são múltiplos – e com enorme potencial de escala.

Lançamos, também pelo Videocamp, o documentário *O começo da vida* (2016), dirigido por Estela Renner. Um convite à reflexão, o filme questiona: “estamos cuidando bem dos primeiros anos de vida de um ser humano, que definem o presente e o futuro da humanidade?” O filme foi exibido em mais de 70 países, com um público de mais de 180.000 pessoas apenas pelo Videocamp.

Com a plataforma, queremos facilitar o acesso à produção de filmes transformadores, da maneira como acreditamos que esse tipo de filme deve ser visto: em grupo. As crianças brasileiras só têm a ganhar ao se enxergarem na telona; ao sentirem que estão representadas; ao encontrarem um humor próprio do nosso país; ao verem, ali, a diversidade que nos define enquanto nação.

Assim como acreditamos que os vínculos que uma criança constrói com seus pais ou cuidadores são importantíssimos para que ela cresça de maneira saudável; assim como defendemos que os hábitos alimentares que se formam na infância impactam a saúde daquela criança pelo resto da vida e que devemos cuidar desse momento importante sem apelos incessantes ao consumo de alimentos ultraprocessados; também acreditamos que ampliar o olhar da criança para uma obra audiovisual é algo que não podemos negligenciar.

Que o cinema brasileiro encontre apoio para produzir, sem deixar de lado a narrativa para focar no *business plan*. Que essas histórias nos representem, nos divirtam, nos chacoalhem e ampliem nosso olhar. Que a briga por janelas de exibição seja ressignificada por novas iniciativas e oportunidades. E que as crianças, finalmente, sintam que a aldeia inteira está empenhada nesse cuidado. Delas e com elas.

\* **CAROLINA PASQUALI** é jornalista. Diretora de Comunicação do Alana, lidera a equipe que está, com o Videocamp, buscando novos caminhos para filmes que precisam ser vistos.